

Impactos da Deficiência Visual e Orientações aos familiares



MINISTÉRIO DA SAÚDE



Apresentação

Olá!

Perceber os estímulos aos quais somos expostos nos proporciona melhores oportunidades de interação, seja com o ambiente no qual estamos inseridos ou com as pessoas com as quais estamos em contato. A visão, como um dos nossos sentidos, colabora para que possamos desfrutar dessas experiências de forma mais significativa.

Você conhece os impactos da Deficiência Visual na Pessoa com Deficiência? Como a família e/ou o cuidador devem ser orientados?

IMPACTO DA DEFICIÊNCIA VISUAL E AS MEDIDAS GLOBAIS

A visão é o principal meio para perceber os estímulos do ambiente e, quando a pessoa apresenta algum impedimento na visão, isso pode acarretar em uma diminuição no desempenho das atividades desenvolvidas pela pessoa.

O sentido da visão permite que os seres humanos obtenham informações sobre os objetos e sua posição no espaço, tenham acesso à leitura e à escrita, e, ainda, desempenha um importante papel na forma como os indivíduos se relacionam.



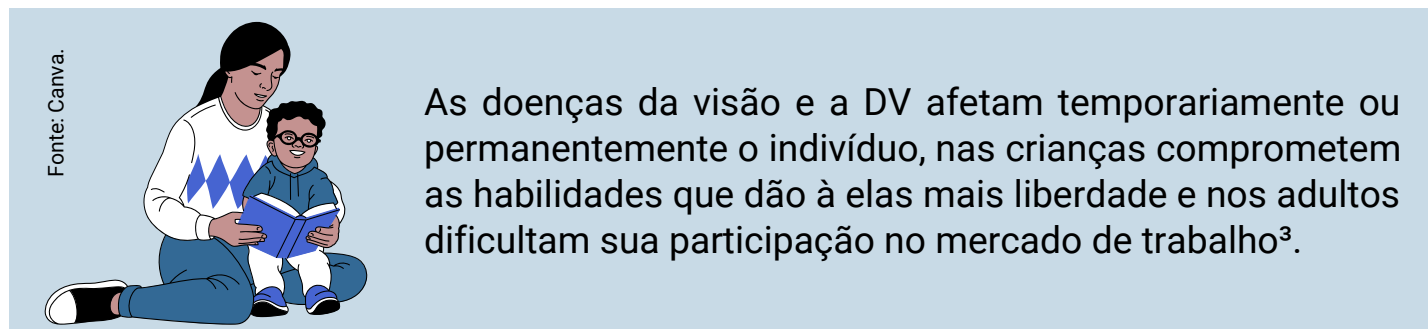
Fonte: Canva.

A visão facilita muitas atividades da vida cotidiana, permite melhores resultados educacionais, ampliando a participação social e reduzindo as desigualdades sociais.

Por outro lado, a Deficiência Visual pode trazer prejuízos ao desenvolvimento neuropsicomotor, podendo levar a repercussões educacionais, emocionais e sociais. Além disso, aumenta as chances de quedas e acidentes de trânsito, assim como a necessidade de assistência social e eleva o número de mortes^{1,2}.

A Deficiência Visual (DV) pode ser caracterizada como resultado da alteração ou insuficiência da resposta visual, podendo variar de perda visual leve até a ausência total de visão.

Diversas doenças ou perdas da função visual acometem diferentes grupos de pessoas, com grau de severidade variável e repercussões na Pessoa com Deficiência, na família e na sociedade.

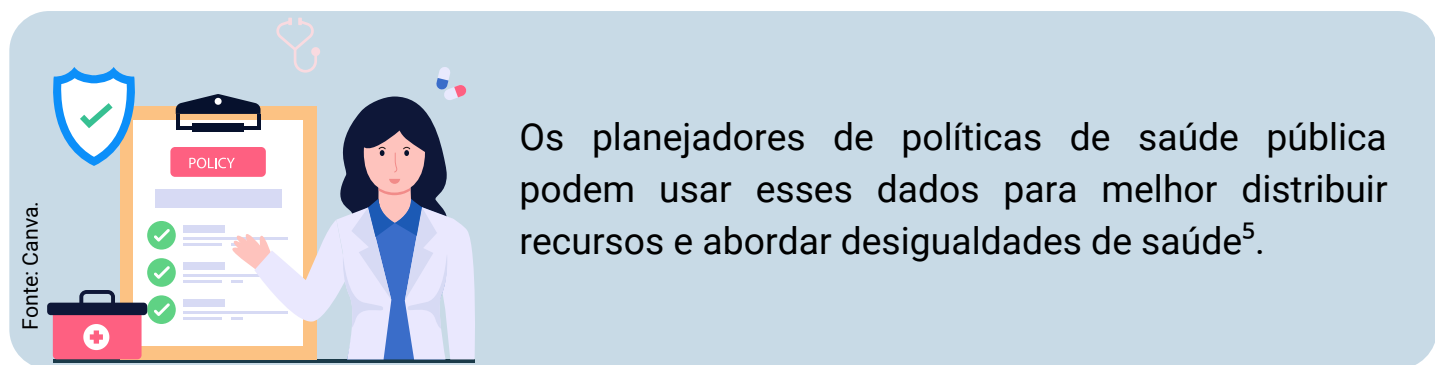


As doenças da visão e a DV afetam temporariamente ou permanentemente o indivíduo, nas crianças comprometem as habilidades que dão à elas mais liberdade e nos adultos dificultam sua participação no mercado de trabalho³.

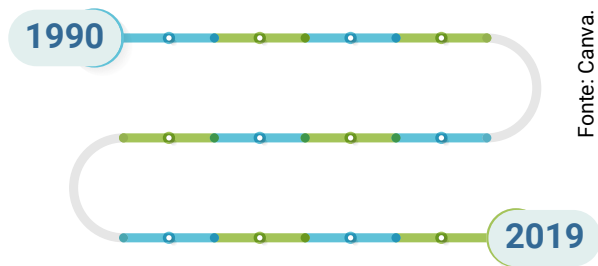
A Deficiência Visual é capaz de causar um impacto na saúde das pessoas, e este pode ser avaliado por medidas globais, como a **morbidade** (presença de doenças ou condições de saúde em uma população) e a **mortalidade** (número de óbitos em uma população). Outra forma de compreender esse impacto é por meio de uma medida chamada **Carga Global de Doença (CGD)**. A CGD resume e compara a saúde de diferentes grupos de pessoas e auxilia na descrição dos problemas de saúde e dos riscos em diferentes países. Isso, por sua vez, ajuda na projeção do futuro e no planejamento de políticas de saúde pública⁴.

O melhor conhecimento dos indicadores do impacto das doenças de acordo com a CGD, tem permitido o melhor planejamento das políticas de saúde entre os diversos países. No Brasil, verificou-se que a saúde melhorou de 1990 a 2016, porém as melhorias e a carga de doenças variaram entre os estados. As doenças dos órgãos do sentido, incluindo a visão e a audição, apareceram em terceiro lugar em 1990 e em segundo lugar em 2016, dentre as causas relacionadas aos Anos Vividos com Deficiência (YLD).

Os indicadores são ferramentas, instrumentos ou mesmo informações que permitem identificar, descrever, classificar, medir, mensurar, dentre outros aspectos, significados mais abrangentes de uma dada realidade.



Os planejadores de políticas de saúde pública podem usar esses dados para melhor distribuir recursos e abordar desigualdades de saúde⁵.



Fonte: Canva.

O Estudo Global sobre Doenças, Lesões e Fatores de Risco, de 2019, analisou informações de saúde, fatores de risco e respostas do sistema de saúde em 204 países e territórios, entre 1990 e 2019^{6,7}.

A medida da CGD consiste em calcular indicadores que ajudam a medir o impacto das doenças na saúde física, emocional e social das pessoas. Isso inclui os efeitos da morte prematura, doenças e condições de saúde, bem como o impacto das doenças coexistentes na população.

Você sabe quais são esses indicadores? Têm-se algumas medidas principais, como^{8,9}:

Prevalência: quantidade de pessoas que tem uma doença em uma população;

Incidência: indica quantos novos casos de uma doença surgem em uma população;

Anos de vida ajustados por qualidade de vida (QALY): mede quantos anos de vida foram vividos com uma qualidade de vida específica, devido a uma doença;

Anos vividos com incapacidade (YLD): contabiliza os anos vividos com a saúde debilitada devido a uma doença, ou pode ser descrito como anos vividos com menos saúde do que a ideal;

Anos de Vida Perdidos devido a Mortalidade Prematura (YLL): calcula os anos que uma pessoa perde de vida devido à morte prematura;

Anos de Vida Ajustados por Incapacidade (DALY): mede quantos anos de vida são afetados devido a uma doença, considerando a incapacidade causada por ela. O DALY é calculado somando os anos de vida perdidos por morte precoce (YLL) com os anos vividos com incapacidade (YLD). Isso nos dá a medida total de quanto a saúde é afetada;

Para entender melhor, segue o esquema abaixo para ilustrar:

DALY

Anos de vida ajustados por incapacidade

=

YLD

Anos vividos com incapacidade

+

YLL

Anos de vida perdidos por morte prematura



Saúde

Doença ou deficiência

Expectativa de vida

As principais informações sobre o Brasil quanto a estes indicadores de doenças oculares/deficiências podem ser acessadas na Portaria GM/MS n.º 104, de 25 de janeiro de 2011¹⁰.

IMPACTO DA DEFICIÊNCIA VISUAL NA PESSOA COM DEFICIÊNCIA E EM SUA FAMÍLIA/CUIDADOR



A perda visual em diferentes fases da vida pode ter impactos variados no modo como as pessoas lidam com essa nova condição, na identidade da Pessoa com Deficiência e em sua habilidade de realizar as atividades diárias.

A falta de entendimento sobre como a Deficiência Visual afeta uma pessoa faz com que a sociedade ignore as barreiras, dificuldades e necessidades essenciais para promover a inclusão social².

Na criança, a DV pode causar profundas consequências em várias áreas:



É importante entender como a Deficiência Visual pode afetar crianças e adultos, para que possam ser planejadas ações de apoio e reabilitação que atendam às suas necessidades. Isso ajudará a melhorar a qualidade de vida, autonomia, comunicação, independência e desenvolvimento das pessoas com Deficiência Visual^{3,11}.

Diversos fatores interferem no grau de impacto que a DV causa no indivíduo, tais como^{12,13} :

A época de início da perda visual, se durante a gestação ou adquirida;

O tipo de perda visual, se parcial Baixa Visão (BV) ou completa (cegueira);

O tipo de doença que causou a DV;

A natureza isolada ou associada à outras deficiências;

A presença de comorbidades.

Pessoas com cegueira total apresentam diferentes consequências e impactos nas condições de vida quando comparadas àquelas com BV. Quanto mais precoce for a perda visual maior será o prejuízo no desenvolvimento da criança.

Pessoas que adquirem cegueira ao longo da vida são capazes de se recordar das experiências visuais vividas antes da perda. Essas memórias visuais armazenadas (imagens, luzes e cores) ajudam na readaptação da pessoa com DV.



Diversas doenças ou perdas da função visual, somadas aos fatores ambientais, podem causar diversos graus de comprometimento da função visual, impactando a participação social da Pessoa com Deficiência^{12,13}.

Fonte: Canva.



Quando a DV é detectada numa criança, o impacto nos pais pode ser significativo, envolvendo reações emocionais de surpresa, tristeza, choque, negação, ansiedade e até mesmo depressão. Pode inclusive haver dificuldades nas primeiras relações entre os pais e o bebê, incluindo a falta de contato visual e de interação, rejeição ou medo do desconhecido diante da condição de DV.

Sabe-se que a qualidade das interações entre os pais e o bebê durante o primeiro ano de vida são fundamentais para o desenvolvimento emocional da criança, influenciando inclusive na sua capacidade de formar vínculos na sua vida futura. É importante também que se tenha o cuidado com os pais e que a abordagem com profissionais da saúde de diferentes áreas seja iniciada o mais rápido possível. **A atuação deve incluir o apoio psicológico e social a família/cuidador da Pessoa com Deficiência** ^{14,15}.

Entre as orientações que podem ser fornecidas à família/cuidador, têm-se:



É importante fornecer à família conhecimentos específicos sobre Deficiência Visual, capacitando-os a tomar medidas que promovam o desenvolvimento e a inclusão social da criança.

! É essencial também enfatizar a importância do contato físico entre pais e bebês, expressar alegria nas interações iniciais com a criança e brincar com ela para estimular o seu desenvolvimento^{14,15}.

! Manter o contato corporal com a criança durante as brincadeiras para que ela se sinta segura é uma boa estratégia¹⁶.

! Estimule a independência e a autonomia da criança com Deficiência Visual, desde ações mais simples, como deixá-la alcançar e pegar objetos, em vez de colocá-los em suas mãos¹⁶.

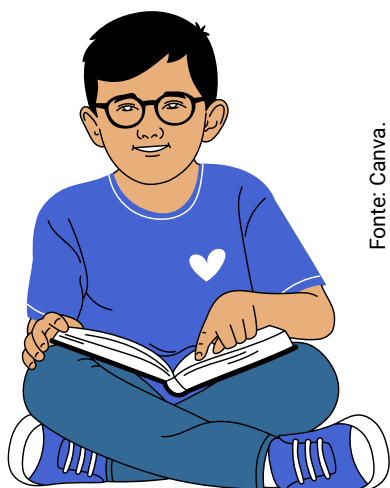
! Para as crianças com Baixa Visão, exercite o uso da visão residual com objetos e brinquedos de cores fortes, com altos contrastes, brilhosos e luminosos para aumentar o resíduo visual e melhorar a acuidade visual¹⁶.

! É fundamental criar um ambiente seguro e acessível. Mudanças frequentes de móveis podem dificultar a orientação e locomoção de pessoas com Deficiência Visual. Se for necessário fazer alterações, é importante conversar com a pessoa para que ela possa se adaptar às mudanças¹⁷.

! Pequenos cuidados favorecem a independência e a segurança de pessoas com Deficiência Visual. As portas devem ficar fechadas ou totalmente abertas. Portas entreabertas representam obstáculos perigosos¹⁷.

! É essencial ainda a educação de outros membros da família, amigos e colegas sobre as necessidades da pessoa com Deficiência Visual. Isso ajuda a criar um ambiente mais inclusivo e respeitoso.

! A equipe profissional multidisciplinar deve estabelecer uma comunicação aberta com a família/cuidador, compartilhar preocupações, sucessos e desafios, além de fornecer informações sobre recursos locais, como grupos e organizações de apoio, terapeutas especializados, bem como serviços de saúde. Essas ações contribuem para um suporte abrangente e efetivo.



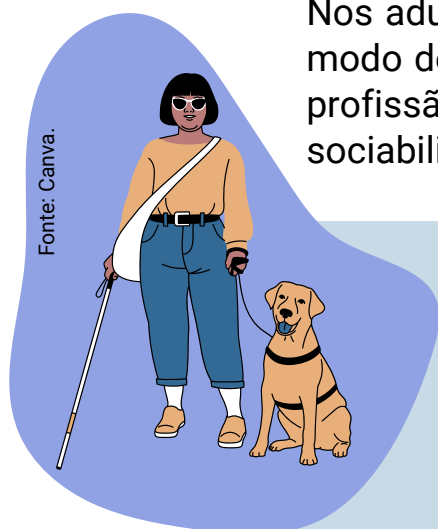
Fonte: Canva.

Os efeitos da DV severa em crianças com 4 a 12 meses pode comprometer a aprendizagem, a interpretação e a reação às informações sensoriais provenientes de outros canais, afetando aspectos motores, a sensibilidade perceptiva e tátil, a emergência de reações de postura e o equilíbrio do corpo e de proteção.

A visão tem papel relevante para o desenvolvimento da linguagem, é através dela que se dá o entendimento entre as palavras e os objetos explorados, assim como a compreensão de gestos e expressões faciais.

As equipes multiprofissionais para o cuidado das Pessoas com Deficiência Visual devem estar atentas aos sinais do desenvolvimento físico, psíquico, emocional e cognitivo da criança.

Além disso, é importante estar atento ao surgimento de estereotípias motoras, que consistem na repetição de movimentos, e aos sinais óculo-digitais, que envolvem sinais feitos com as mãos e/ou dedos, combinados com expressões faciais e linguagem corporal, utilizados para comunicação de forma visual. Esses aspectos devem ser cuidadosamente observados no processo de acompanhamento e assistência.



Fonte: Canva.

Nos adultos, a DV está relacionada às mudanças profundas de seu modo de vida, que dentre outros aspectos, repercute na escolha da profissão, no desempenho nas atividades de trabalho, na sociabilidade, na qualidade de vida e da saúde.

A facilidade ao lidar com as tarefas diárias e o nível socioeconômico também sofrem influências negativas. As condições de segurança e acessibilidade requerem cuidados especiais para promoção de maior inclusão social e cultural³.

Independentemente da idade, a DV requer medidas e condutas adequadas, com equipe multiprofissional, humanizada, que atue através de uma abordagem de diversos saberes⁸.

Conclusão

Neste material, você conheceu os impactos da Deficiência Visual na Pessoa com Deficiência e nas pessoas que estão em seu contexto. Lembre-se, cada pessoa é única, então, é fundamental ser paciente, oferecer apoio emocional e encorajar a pessoa a enfrentar os desafios e a desenvolver habilidades de independência.

Esperamos que você tenha compreendido os pontos aqui abordados e que possa inserir esses conhecimentos na sua prática de trabalho.

Até a próxima!

Referências

1. BARBOSA, M. A. M.; BALIEIRO, M. M. F. G.; PETTINGILL, M. A. M. Cuidado centrado na família no contexto da criança com deficiência e sua família: uma análise reflexiva. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 194–199, mar. 2012. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-07072012000100022>. Acesso em: 18 ago. 2023.
2. GOGATE, P. *et al.* Severe visual Impairment and blindness in infants: causes and opportunities for control. **Middle East African Journal Of Ophthalmology**, [s.l.], v. 18, n. 2, p. 109–114, jun. 2011. Medknow. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4103/0974-9233.80698>. Acesso em: 18 ago. 2023.
3. ALMEIDA, T. S.; ARAÚJO, F. V. Diferenças experienciais entre pessoas com cegueira congênita e adquirida: uma breve apreciação. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, Juazeiro do Norte, v. 1, n. 3, p. 1–21, jun. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.16891/24>. Acesso em: 18 ago. 2023.
4. MURRAY, C. J. L.; LOPEZ, A. D. Evidence-Based Health Policy: lessons from the global burden of disease study. **Science**, Washington, v. 274, n. 5288, p. 740–743, nov. 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.1126/science.274.5288.740>. Acesso em: 18 ago. 2023.
5. MARINHO, F.; DE AZEREDO PASSOS, V. M.; CARVALHO MALTA, D. *et al.* Burden of disease in Brazil, 1990–2016: a systematic subnational analysis for the Global Burden of Disease Study 2016. **The Lancet**, v. 392, n. 10149, p. 760–775, 2018. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(18\)31221-2](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(18)31221-2). Acesso em: 18 ago. 2023.
6. INSTITUTE FOR HEALTH METRICS AND EVALUATION. **Global Burden Disease Brazil Profile**. 2019. Disponível em: <http://www.healthdata.org/brazil>. Acesso em: 18 ago. 2023.
7. MURRAY, C. J. L. *et al.* Five insights from the Global Burden of Disease Study 2019. **The Lancet**, London, v. 10258, n. 396, p. 1135–1159, out. 2020. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)31404-5](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)31404-5). Acesso em: 18 ago. 2023.

8. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **International Standards for Vision Rehabilitation: report of the International consensus Conference**. Rome: Fge Editore, 2017. 70 p.
9. VOS, Theo et al. Global, regional, and national incidence, prevalence, and years lived with disability for 301 acute and chronic diseases and injuries in 188 countries, 1990–2013: a systematic analysis for the global burden of disease study 2013. **The Lancet**, London, v. 386, n. 9995, p. 743–800, ago. 2015. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(15\)60692-4](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(15)60692-4). Acesso em: 18 ago. 2023.
10. BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria n.º 104, de 25 de janeiro de 2011**. Define as terminologias adotadas em legislação nacional, conforme o disposto no Regulamento Sanitário Internacional 2005 (RSI 2005). Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt0104_25_01_2011.html. Acesso em: 18 ago. 2023.
11. HYVÄRINEN, L. **What and how does this child see?:** assessment of visual functioning for development and learning. Helsinki: Vistest Ltd, 2011. 238 p.
12. MALTA, J. et al. Desempenho funcional de crianças com deficiência visual, atendidas no Departamento de Estimulação Visual da Fundação Altino Ventura. **Arquivos Brasileiros de Oftalmologia**, São Paulo, v. 69, n. 4, p. 571–574, ago. 2006. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0004-27492006000400021>. Acesso em: 18 ago. 2023.
13. NUNES, S.; LOMÔNACO, J. F. B. O aluno cego: preconceitos e potencialidades. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 55–64, jun. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-85572010000100006>. Acesso em: 18 ago. 2023.
14. KRAMECK, K.; NASCIMENTO, G. C. C. A orientação à família de pessoas com deficiência visual como recurso de intervenção do terapeuta ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 128–135, 24 abr. 2015. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v26i1p128-135>. Acesso em: 18 ago. 2023.
15. RIBEIRO, A. et al. Grupo de apoio e inclusão social para crianças e jovens com deficiência visual, família e educadores “Um olhar especial”. **Direito em Construção**, Recife, v. 7, n. 1, p. 1–10, jan. 2012.
16. SILVA, S. M. M. da.; COSTA, M. da P. R. da. GUIAS DE ORIENTAÇÃO PARA PAIS E/OU CUIDADORES CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA 1ª INFÂNCIA: opiniões sobre os benefícios. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 21, n.º 2, p. 67–82, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.18764/2178-2229.v21.n2.p.67-82>. Acesso em: 18 ago. 2023.
17. BRASIL. Ministério da Cidadania. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Você e a pessoa com deficiência visual**. Brasília, DF: Ministério da Cidadania, 2020. Disponível em: <http://blog.mds.gov.br/redesuas/wp-content/uploads/2020/12/Cartilha-Voc%C3%AA-e-a-pessoa-com-defici%C3%Aancia-visual.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2023.

COMO CITAR ESTE MATERIAL

RAMOS, Bruna Borba de Azevedo; PORTELLA, Clarisse Mendes; LEAL, Daena Nascimento Barros; SANTOS, Ketyanne Barros dos; DANTAS, Lana Claudia Silva de Souza; VENTURA, Liana Maria Vieira de Oliveira; SANTOS, Luciana Rodrigues dos; LOBO, Lucyjane Idália Araújo; OLIVEIRA, Márcia Virgínia Santos de; CARVALHO, Pollyanna Pereira de; SOUZA, Simone Pessoa de; FREITAS, Tatiane Maria Lopes de Freitas. Impactos da Deficiência Visual e orientações aos familiares. In: UNIVERSIDADE ABERTA DO SUS. UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Atenção à Pessoa com Deficiência II: Mulheres com deficiência, saúde bucal da Pessoa com Deficiência, pessoa com Acidente Vascular Encefálico, pessoa com Traumatismo Cranioencefálico, pessoa com Paralisia Cerebral, reabilitação visual, Triagem Auditiva Neonatal (TAN) e Triagem Ocular Neonatal (TON). **Reabilitação Visual**. Recurso Educativo n.º 3. São Luís: UNA-SUS; UFMA, 2023.

© 2023. Ministério da Saúde. Sistema Universidade Aberta do SUS. Fundação Oswaldo Cruz & Universidade Federal do Maranhão. É permitida a reprodução, disseminação e utilização desta obra, em parte ou em sua totalidade, nos termos da licença para usuário final do Acervo de Recursos Educacionais em Saúde (ARES). Deve ser citada a fonte e é vedada sua utilização comercial, sem a autorização expressa dos seus autores, conf. Lei de Direitos Autorais – LDA (Lei n.º 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Créditos

Coordenação do Projeto

Ana Emilia Figueiredo de Oliveira

Coordenação Geral da DTED/UNA-SUS/UFMA

Ana Emilia Figueiredo de Oliveira

Coordenação de Gestão de Projetos da UNA-SUS/UFMA

Deysianne Costa das Chagas

Coordenação de Produção Pedagógica da UNA-SUS/UFMA

Paola Trindade Garcia

Coordenação de Ofertas Educacionais da UNA-SUS/UFMA

Elza Bernardes Monier

Coordenação de Tecnologia da Informação da UNA-SUS/UFMA

Mário Antonio Meireles Teixeira

Coordenação de Comunicação e Design Gráfico

Bruno Serviliano Santos Farias

Professores-autores

Bruna Borba de Azevedo Ramos

Clarisse Mendes Portella

Daena Nascimento Barros Leal

Ketyanne Barros dos Santos

Lana Claudia Silva de Souza Dantas

Liana Maria Vieira de Oliveira Ventura

Luciana Rodrigues dos Santos

Lucyjane Idália Araújo Lobo

Márcia Virgínia Santos de Oliveira

Pollyanna Pereira de Carvalho

Simone Pessoa de Souza

Tatiane Maria Lopes de Freitas

Validadores Técnicos do Ministério da Saúde

Coordenação-Geral de Saúde da Pessoa com Deficiência (CGSPD/DAET/SAES/MS)

Coordenador-Geral: Arthur de Almeida
Medeiros

Coordenadora-Geral Substituta: Denise
Maria Rodrigues Costa

Técnicas e Técnico:

Amanda Oliveira do Vale Lira

Ana Claudia Pinheiro Torres

Diogo do Vale de Aguiar

Flávia da Silva Tavares

Kalyne Ferreira Nascimento de Aguiar

Raelma Paz Silva

Checagem Pedagógica

Helen Maysa Belfort Sousa

Revisão Textual

Talita Guimarães Santos Sousa

Design Instrucional

Artemis Lisboa Freire

Leticia Iane de Holanda Ribeiro

Design Gráfico

Jackeline Mendes Pereira



UNA-SUS
UFMA



Saúde - Inovação
Tecnologia - Educação



dted
DIRETORIA DE TECNOLOGIAS
NA EDUCAÇÃO



UNA-SUS
União Brasileira de SUS



FIOCRUZ



SUS

MINISTÉRIO DA
SAÚDE



GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO